DA RELAÇÃO ENTRE VONTADE DE VERDADE E POLÍTICA DA LINGUAGEM EM NIETZSCHE

Gilberto Silveira da Costa Junior[1]
Léo Peruzzo Júnior[2]

RESUMO

O artigo explora a relação entre a "vontade de verdade" e a "política da linguagem" na filosofia de Nietzsche, investigando como a linguagem atua como um mecanismo de poder que molda e limita a compreensão da realidade. Com base em uma análise crítico-filosófica das obras do autor, discute-se o papel da linguagem na construção de uma verdade socialmente aceita, expondo como Nietzsche questiona a objetividade do conhecimento e promove uma visão estética e pluralista. O estudo conclui que a linguagem, para Nietzsche, deve servir à criação e ao fortalecimento da vida, e não à repressão de sua complexidade essencial.

Palavras-chave: Nietzsche. Vontade de verdade. Política da linguagem. Poder. Verdade.

[1] Aluno do sexto período do Curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: freigilbertojunior@franciscanos.org.br

[2] Graduado em Filosofia e Direito. Mestre e Doutor em Filosofia. Pós-Doutor pela Università Ca´Foscari de Veneza, Itália. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e da FAE Centro Universitário, em Curitiba. *E-mail*: leo.junior@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo do século XIX, cuja filosofia foi marcada por um estilo aforístico e poético, ele desafiou as noções convencionais de verdade e propôs uma nova compreensão da realidade como uma construção linguística e cultural. Ao analisar a relação entre linguagem e verdade, Nietzsche oferece, em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, texto de 1873, uma nova perspectiva sobre a natureza do conhecimento e do ser humano, abrindo caminho para outras formas de pensar e interpretar o mundo.

As obras de Nietzsche se destacaram também por sua crítica aos valores e instituições tradicionais do Ocidente. Dentro do escopo de sua filosofia, dois temas serão aqui abordados: a "vontade de verdade"[3], termo cunhado em "Assim falava Zaratustra", obra de 1884, no qual o autor sustenta que o ser humano busca encontrar uma maneira de eternizar as coisas, vivendo uma dualidade entre encarar a vida na sua integralidade ou negar-se a si mesmo na busca por essa "verdade" metafísica, que garante a duração das coisas e afugenta o medo da morte; o segundo tema, complementar, é a "política da linguagem", conceitos que se entrelaçam de forma complexa e desafiadora, pois é na linguagem que esse debate acerca da verdade tem as suas raízes, de modo que para Nietzsche "a gramática como se conhece é deficitária por acreditar na correspondência entre as palavras e as coisas" (Mosé, 2018, p. 51).

A "vontade de verdade" nietzschiana questiona a crença em um conhecimento absoluto e objetivo, além de investigar os impulsos naturais do ser humano. Nietzsche argumenta que a busca pela verdade é, em última análise, "o desejo de imaginar tudo quanto existe" (Nietzsche, 2017, p. 134). A "política da linguagem", por sua vez, se refere ao modo como a linguagem é utilizada para construir e legitimar diferentes formas de poder em uma sociedade. Nietzsche demonstra como a linguagem não é um mero instrumento de comunicação, mas sim um campo de batalhas onde se travam lutas por hegemonia e dominação.

Dessa maneira, ao investigar a relação entre esses dois conceitos, esta pesquisa busca demonstrar de que modo Nietzsche relaciona os conceitos de verdade e linguagem, além de apontar um caminho para servir à vida, e não à repressão de sua complexidade.

---

[3] "'Vontade de verdade' é como se chama para vós, ó mais sábio dos sábios, o que vos impele e vos torna fervorosos? Vontade de que seja pensável tudo o que é: assim chamo eu vossa vontade! Quereis antes tornar pensável tudo o que é: pois duvidais, com justa desconfiança, de que seja pensável. Mas deve adaptar-se e curvar-se a vós! Assim quer vossa vontade!" (Nietzsche, 1999, p. 221).

1 CRÍTICA NIETZSCHIANA À METAFÍSICA

Para compreender a análise nietzschiana da verdade e da linguagem, é necessário primeiramente mapear o pensamento do filósofo acerca da metafísica tradicional. Nietzsche atribui à filosofia socrática a primeira forma do niilismo, isso porque na sua concepção "Sócrates julga a vida pela ideia. Considerando a vida indigna de ser vivida e propõe substituí-la pelo conhecimento verdadeiro. O corpo, este campo de batalha de instintos e paixões, deve ser negado pela razão" (Mosé, 2018, p. 38). Niilismo, nesse sentido, deve ser entendido como a negação da vida em favor de uma outra vida, de uma outra realidade, uma realidade metafísica. E é contra essa negação da vida que o filósofo alemão vai construir a sua crítica à metafísica.

Em seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, publicado em 1872, o filósofo alemão confere ares demoníacos à Sócrates, explicitando a sua aversão a essa corrente filosófica:

> Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através de um poder demoníaco que falava pela boca de Eurípides. Também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade que falava pela sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES (Nietzsche, 1992, p. 79).

Nietzsche, nesse trecho de sua análise do teatro grego, identifica em *As Bacantes* de Eurípedes os efeitos da racionalização socrática, e ainda dirá que o filósofo grego é o responsável pela decadência do teatro trágico grego[4] (Nietzsche, 1992). Essa corrente metafísica da filosofia foi inaugurada em Parmênides, enraizada em Sócrates e posteriormente em Platão e muitos outros pensadores que os seguiram, e considerava o conhecimento e a razão como os valores mais sublimes. Mas essa forma de pensar, de acordo com Nietzsche, nega a corporeidade da vida, os desejos, as paixões, os instintos, e os coloca em um patamar inferior ao da razão, do ideal imaginado.

Nietzsche, dessa maneira, realiza uma crítica contundente à metafísica tradicional, particularmente àquela que se origina no pensamento platônico. Para ele, a metafísica introduz uma divisão artificial entre duas realidades: o mundo sensível, o mundo em que se vive e é percebido através dos sentidos, e um mundo suprassensível ou ideal, concebido como perfeito e imutável (Nietzsche, 2009). Essa dualidade, em sua visão, diminui o valor da vida concreta, criando uma hierarquia onde o mundo real é depreciado em favor de

[4] "Nietzsche considera uma das principais características da tragédia de Euripedes o de ter colocado em cena o espectador. A antiga idealidade trágica foi substituída por um estilo naturalista, caracterizado pela imitação fiel da vida cotidiana, onde até mesmo a linguagem se converteu na linguagem 'da mediocridade burguesa'" (Cavalcanti, 2003, p. 222).

uma realidade transcendente (Souza de Oliveira, 2019). Nietzsche rejeita essa concepção, pois entende que ela desvaloriza a existência, promovendo uma negação dos aspectos dinâmicos e sensíveis da vida, como o corpo, os instintos e as paixões.

A crítica do filósofo ao pensamento platônico está diretamente relacionada a essa rejeição da metafísica, vista por ele como uma fuga da vida, uma negação da existência. Para Nietzsche, Platão foi o responsável por inaugurar uma tradição de pensamento que separa a verdadeira realidade do mundo terreno, apresentando o mundo das ideias como o verdadeiro e imutável, enquanto o mundo dos fenômenos seria apenas uma cópia imperfeita:

> Platão mantém, antes de tudo, a divisão parmenidiana entre espírito e corpo, entre pensamento e sensação, entre ser e devir. É esta contraposição que servirá como linha divisória entre o bem e o mal: o bem é tudo que diz respeito ao pensamento, à ideia, à alma, à duração; o mal é tudo que diz respeito ao corpo, às paixões, ao tempo. Esta divisão se perpetuará como um "em si" do pensamento (Mosé, 2018, p. 132).

Essa concepção platônica, em sua visão, estabeleceu as bases para a moral cristã e a filosofia ocidental, que buscavam sustentar essa distinção entre uma vida terrena inferior e uma vida espiritual superior. Nietzsche chegou a considerar o cristianismo um "platonismo para o povo", e essa estrutura de pensamento, uma forma de escapismo, uma fuga da realidade concreta e uma tentativa de evitar os desafios e as dores da existência (Haase, 2011). E, de acordo com Nietzsche, são ainda essas mesmas crenças que amortecem a vontade de potência do homem em favor de uma "vontade de verdade" que nega a integralidade da vida ao pressupor uma realidade sem dor (Nietzsche, 2001). De acordo com Souza de Oliveira (2019, p. 54), "acreditar em um mundo perfeito em contraposição a um mundo supostamente enganoso consiste, neste caso, no preconceito mais antigo dentro da história da filosofia".

A consequência desse pensamento é a negação da vontade de potência e da afirmação da vida. A metafísica tradicional, ao valorizar o mundo ideal, reprime os impulsos vitais e afirma uma "vontade de verdade" que lança o homem na busca por um ideal de perfeição inalcançável, ao invés de aceitar a vida em sua totalidade, com suas contradições e imperfeições, em outras palavras, aceitar o caos (Souza de Oliveira, 2019). Assim afirma o filósofo na sua segunda edição de *A Gaia Ciência*, obra de 1882 e ampliada em 1887:

> Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse 'outro mundo' - não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, *nosso* mundo? (Nietzsche, 2012, p. 216).

Essa negação da vida, para Nietzsche, culmina em uma moral de ressentimento, onde os valores superiores são impostos em detrimento da força, da criatividade e da individualidade. Ele propõe, em oposição, uma filosofia que celebre a vida como ela é: marcada pela luta, pelo devir e pela aceitação dos instintos, da corporalidade e do caos.

Viviane Mosé (2018) dirá em sua análise que a metafísica nasce do desejo do ser humano de apagar aquilo que é mutável para se chegar àquilo que é eterno, uma espécie de jornada arqueológica que limpa a camada superficial de sujeira na busca de objetos escondidos no seu interior e que são de maior valor. O homem, assim, precisa de uma ilusão, precisa acreditar na duração das coisas e que as ideias pensadas para representar o mundo são, em última análise, imutáveis e não são afetadas pelo tempo cronológico do homem gregário. E é justamente a busca pelo conhecimento dessas ideias eternas, imutáveis, que carregam em si a essência do ser das coisas que Nietzsche chama de "vontade de verdade", mas que poderia ser "oculta vontade de morte" (Nietzsche, 2012, p. 218).

Dessa maneira, Nietzsche estabelece o mundo material, "da vida, da natureza e da história" (Nietzsche, 2012, p. 216) o seu campo de pesquisa, estudando a influência que o "outro mundo" exerce sobre os homens do "nosso mundo". Conclui-se que, para o filósofo há na adesão ao outro mundo um caráter depreciativo da realidade, nega-se, assim, o real caótico em nome do imaginário absoluto, perde-se "vontade de potência" na busca pela "vontade de verdade".

2 VONTADE DE VERDADE: DA BUSCA HUMANA PELA VERDADE

A "vontade de verdade" torna-se, portanto, um conceito vital na crítica nietzschiana à metafísica, mas que vai além dessa crítica. Para se chegar ao entendimento desse termo, é necessário ter clareza da compreensão de Nietzsche acerca da verdade ela mesma, a qual ele define como "a busca humana por conhecimento e explicações, mesmo que estas sejam completamente ilusórias" (Nietzsche, 2017, p. 134). A crítica nietzschiana à metafísica questiona a crença em um conhecimento absoluto e objetivo, argumentando que a busca pela verdade é, em última análise, uma expressão da vontade de poder que o homem possui, uma busca por dominar e controlar o mundo ao seu redor.

Nietzsche, em sua obra *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral* (1873), defende que a verdade é:

> Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização,

> parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas (Nietzsche, 2007, p. 36).

Nessa busca pela verdade, o ser humano busca eliminar a pluralidade, a diversidade e o caos, próprios da vida, e os substitui por crenças e metáforas que lhe garantem ordem e certeza. De acordo com Souza de Oliveira (2019, p. 52), a vontade de verdade de uma sociedade pode ser um índice do seu declínio, ou seja, quanto mais a filosofia de uma sociedade se fia na busca de seguranças, em um mundo ordenado, perfeito e platônico, tanto mais ela nega a sua própria existência e a erroneidade intrínseca ao mundo.

Machado assim disserta acerca do pensamento nietzschiano em relação a vontade de verdade: "A vontade de verdade a todo custo é um fenômeno moral porque a oposição verdade-aparência que ela institui significa a afirmação de uma 'vida melhor', de um 'mundo-verdadeiro', e a negação da vida, do mundo em que vivemos" (Machado, 2021, p. 112). Mais adiante, Machado ainda acrescenta que, para Nietzsche, a vontade de verdade é essencialmente uma convicção, uma crença na supremacia da verdade. "A ciência se ergue sobre esse princípio, e pressupõe metafisicamente que a verdade é superior à falsidade, e que é mais valioso buscar a verdade do que se contentar com aparências e ilusões" (Machado, 2021, p. 113). Contudo, a sociedade descarta, dessa maneira, a hipótese de que a verdade é ela mesma uma ficção.

Em sua obra, Mosé (2018, p. 76) sustenta ainda que "mesmo o ser humano de ciência não se interessa pelo conhecimento verdadeiro. O que a ciência quer não é conhecer, é esquematizar para controlar, para prever", ou seja, os cientistas não almejam a verdade absoluta das coisas, todavia almejam o controle sobre a realidade e, enquanto tiverem controle sobre algo, alegarão que o seu conhecimento é verdadeiro.

O fato de Platão considerar a verdade como divina, ou mesmo o reforço das religiões afirmando que Deus é a verdade, endossa a crença nietzschiana de que ciência e moral andam juntas. Ambas são de natureza ascética, uma na busca da verdade e outra na busca do bem, mas as duas se baseiam, para Nietzsche, em crenças limitantes que reprimem a vontade de potência e abraçam a "vontade de verdade", reforçando, assim, as noções de que existe um mundo ideal, superior e melhor do que esse que vivem os homens.

A verdade, para o filósofo, foge ao dogmatismo e à seriedade imposta pela academia e pela ciência. No prólogo de *Além do Bem e do Mal*, publicado em 1886, Nietzsche compara a verdade a uma mulher e reafirma essa tese:

> Supondo-se que a verdade seja feminina — e não é fundada a suspeita de que todos os filósofos, enquanto dogmáticos, entendem pouco de mulheres? Que a espantosa seriedade, a indiscrição delicada com que até agora estavam acostumados a afrontar a verdade não eram meios pouco adequados para cativar uma mulher? O que há de certo é que essa não se deixou cativar — e os dogmáticos de toda a espécie voltaram-se tristemente frente a nós e desencorajaram-se (Nietzsche, 2001, p. 7).

Nietzsche enxerga que a verdade não deve ser ortodoxa, porque não pode negar o caos próprio da existência em favor de uma ordenação limitante da vida. Contudo, há algo que impede a sociedade de explorar essa realidade caótica do universo: o fato do homem ser um animal social e que, portanto, tem a necessidade de se relacionar com os demais (Mosé, 2018). Para que a comunicação entre os homens ocorra de maneira satisfatória, eles precisam que os signos empregados em sua mensagem imprimam valor de verdade. É na linguagem, então, que a crença na verdade plantou a sua semente e fincou suas raízes.

Eis como o filósofo descreve, em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, a construção da linguagem:

> De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora. E, a cada vez, um completo sobressalto de esferas em direção a uma outra totalmente diferente e nova (Nietzsche, 2007, p. 32).

A falta de uma ordenação, de leis pré-estabelecidas na construção da linguagem, na crítica nietzschiana, revela que a linguagem é, por si só, arbitrária e contraditória. Sua construção está fundamentada nas metáforas, na transposição daquilo que o homem sente em imagens e, posteriormente, em palavras. E, com essas mesmas palavras, o homem pretende exprimir a verdade.

Nietzsche, como exposto, sustenta que a verdade seja um conjunto de metáforas, "uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente [...], e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias" (Nietzsche, 2007, p. 36).

Conclui-se, portanto, que Nietzsche atribui à linguagem o fardo de perpetuar a crença na verdade, pois é em cima dessa gramática metafórica que os homens edificam seus conceitos. Eles estabelecem para si mesmos, as mentiras, que depois de consolidadas, devem ser contadas em bando, para cumprir a sua obrigação moral de serem verdadeiros (Nietzsche, 2007), mesmo que o homem não consiga relacionar-se plenamente com os objetos por ele nomeados.

3 DA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM

Seguindo a crítica de Nietzsche à "vontade de verdade", ele define a linguagem, no sua origem, como uma ficção fundamental do homem gregário:

> [...] porque o homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio, ele necessita de um acordo de paz [...]. Esse acordo de paz traz consigo, porém, algo que parece ser o primeiro passo rumo à obtenção daquele misterioso impulso à verdade. Agora, fixa-se aquilo que, doravante, deve ser 'verdade', quer dizer, descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade (Nietzsche, 2007, p. 29).

A partir dessa abordagem, pode-se dizer que, para o filósofo alemão, os homens acordaram entre si o valor de verdade que os signos transportam, e se esqueceram completamente que esse valor não diz respeito à realidade dos fatos. Nietzsche aborda, por exemplo, a questão da honestidade, que os homens não conhecem em sua essência, a entidade denominada "honestidade", mas conhecem casos, isolados e distintos, de honestidade sendo praticada pelos homens (Nietzsche, 2007). Como pode o homem definir honestidade a partir de experiências tão particulares?

O filósofo evidencia, dessa maneira, que o ser humano cria crenças para si mesmo, na sua relação com a sociedade, e as aceita como verdades absolutas, canônicas, esquecendo-se que elas não são senão metáforas das coisas e não as coisas em si (Mosé, 2018). O ser humano nega, dessa maneira, a individualidade das coisas, colocando debaixo de uma mesma expressão uma imensidão de singularidades.

> Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse 'folha', tal como uma folha primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial (Nietzsche, 2007, p. 35).

A linguagem é que molda o universo imaginário que denomina-se "mundo verdadeiro" (Mosé, 2018). Não há, para Nietzsche, relação entre o sujeito e o objeto que seja absoluta, as palavras e a linguagem não conseguem capturar a essência das coisas; existe entre a experiência individual do homem e o seu balbuciar de ondas mecânicas um imenso abismo que jamais poderá ser preenchido pela linguagem (Marton, 2014).

> A mim me parece, em todo caso, que a percepção correta - que significaria a expressão adequada de um objeto no sujeito - é uma contraditória absurdidade: pois, entre duas esferas absolutamente diferentes tais como entre sujeito e objeto não vigora nenhuma causalidade, nenhuma exatidão, nenhuma expressão, mas acima de tudo, uma relação estética, digo, uma transposição sugestiva, uma tradução balbuciante para uma língua totalmente estranha (Nietzsche, 2007, p. 42).

O que as palavras representam não é a própria essência das coisas, "a forma primordial", mas apenas o âmbito fenomênico, ou seja, as impressões que os homens firmaram delas (Mosé, 2018). Quando um sentimento é traduzido em palavras revela a natureza simbólica e figurativa da linguagem: as palavras nunca expressam diretamente o sentimento, apenas o traduzem em símbolos. Dessa forma, sendo as palavras apenas símbolos, não pode haver uma correspondência imediata entre elas e as coisas, já que elas não expressam as intuições originais, mas sim as representações, ou seja, a imagem que o indivíduo tem dessas coisas (Marton, 2014). Por isso, Nietzsche insiste que as palavras e conceitos não conseguem capturar adequadamente a realidade ou verdades absolutas, mas sim que eles designam relações humanas.

Ademais, Benvenho (2019) afirma que, para Nietzsche, a verdade é formulada pelas circunstâncias da vida da humanidade, e é influenciada pelos valores e ideais estabelecidos por um grupo dominante, que determina os códigos linguísticos e suas convenções semânticas de forma arbitrária. Assim sendo, a linguagem não é, como visto, a expressão sonora ou escrita de uma realidade, mas um acordo estabelecido entre os homens, que negando as suas ilusões, imprimem nessa gramática suas crenças e convicções, esquecendo-se completamente, que a linguagem é mera ilusão e, com isso, exercem poder para estabelecer seus valores acima de outros.

Pode-se dizer, dessa maneira, que a linguagem surge de um acordo pré-estabelecido entre os homens. Metáforas que foram sendo utilizadas para a construção de um edifício gramatical, colocando sob a guarda de um mesmo conceito inúmeros casos singulares, negando a diversidade e a pluralidade próprias da vida (Nietzsche, 2007).

4 POLÍTICA DA LINGUAGEM: UM CAMINHO DE DOMINAÇÃO

A "política da linguagem" se refere ao modo como a linguagem é utilizada para construir e legitimar diferentes formas de poder. Nietzsche demonstra como a linguagem não é um mero instrumento de comunicação, mas sim um campo de batalha onde se travam lutas por hegemonia e dominação. Ele argumenta que a linguagem está

intrinsecamente ligada ao poder, e que as palavras e os discursos são utilizados para construir e manter relações de dominação e subordinação (Mosé, 2018). Mas qual é a problemática que se instala na filosofia nietzschiana acerca dessa dominação?

A dominação a qual se refere Nietzsche diz respeito à maneira como a linguagem é construída e a sua forma de influenciar o pensamento do homem gregário. Em *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, o filósofo alemão compara a construção da linguagem à forma de trabalhar das abelhas e das aranhas. Aquelas buscam na natureza o pólen, fazem o mel e o reduzem a cera com a qual constroem suas habitações. Essas últimas, porém, tecem teias a partir de si mesmas para construir as suas habitações (Nietzsche, 2007). O homem gregário, segundo o filósofo, faz o mesmo que as aranhas ao construir conceitos não a partir do objeto com o qual ele se relaciona, mas a partir dele mesmo. O conhecimento não é, portanto, o encontro de uma novidade, mas a nomeação de uma criação racional humana:

> Quando alguém esconde algo detrás de um arbusto, volta a procurá-lo justamente lá onde escondeu e além de tudo o encontra, não há muito do que se vangloriar nesse procurar e encontrar: é assim que se dá com o procurar e encontrar da "verdade" no interior do domínio da razão. Se crio a definição de mamífero e, aí então, após inspecionar um camelo, declaro: veja, eis um mamífero, com isso, uma verdade decerto é trazida à plena luz, mas ela possui um valor limitado, digo, ela é antropomórfica de fio a pavio e não contém um único ponto sequer que fosse "verdadeiro em si", efetivo e universalmente válido, deixando de lado o homem (Nietzsche, 2007, p. 40).

A crença do homem na verdade o limita, pois a implicação dessa política na construção da linguagem é a criação de uma linguagem lógica que, por sua natureza formal, é excludente. Ao afirmar a crença no ser e no devir, o homem gregário exclui outras possibilidades, assim é o princípio da não contradição de Aristóteles. Um objeto ou é vermelho ou é "não-vermelho", por exemplo, e nisso existe uma relação sujeito-predicado que é excludente desde a sua concepção (Mosé, 2018).

Nietzsche busca, com a sua filosofia, escapar a essa lógica formal excludente que existe desde a gênese da linguagem, e encontra na arte, na ficção, um meio de equilibrar o apolíneo e dionisíaco em seus escritos (Costa, 2022). É preciso reforçar que para o filósofo alemão não há problema na ficção, o problema está em encará-la como sendo verdade. Não há definição científica para o tempo tão satisfatória quanto a encontrada na tragédia grega: o tempo é um deus que engole os seus filhos (Mosé, 2018). A linguagem, a crença no mundo eterno, mitiga no homem o medo da morte; a religião inculca nele que após a morte haverá uma vida plena de valores e sentidos; a ciência reforça no homem que no futuro não haverá mortes, porque o homem será o

detentor da sua causalidade, podendo prevê-la e dominá-la; a arte, no entanto, faz o homem aceitar essa condição mortal, suportar as suas tristezas e vivê-las sem a negação que essas outras realidades niilistas impõem (Mosé, 2018).

A política da linguagem em Nietzsche apresenta-se, portanto, como um projeto de reconstrução cultural, onde a linguagem não mais serve como meio de perpetuação de verdades impostas, mas como um instrumento de criação, transformação e expressão de impulsos vitais. Ao propor uma nova função para a linguagem, Nietzsche desafia a estrutura de poder subjacente à verdade objetiva e sugere um uso mais artístico e filosófico da linguagem, que, segundo ele, permitiria a verdadeira elevação cultural. Dessa forma, sua crítica da linguagem revela uma política voltada para a liberdade criativa e a revitalização cultural, capaz de resistir às armadilhas da racionalidade excessiva e do cientificismo.

CONCLUSÃO

A relação entre a vontade de verdade e a política da linguagem em Nietzsche apresenta-se como uma crítica às bases da filosofia ocidental, expondo uma visão sobre a natureza da verdade e o papel da linguagem na construção social do conhecimento. Para Nietzsche, a verdade não é uma entidade absoluta ou um ideal a ser alcançado; ao contrário, ela é uma construção humana, originada da necessidade de ordenar o caos da experiência sensorial através da linguagem. Esse desejo por estabilidade e permanência, expressado na "vontade de verdade", reflete uma profunda resistência à natureza mutável, à pluralidade da realidade e à morte.

Nietzsche argumenta que a "vontade de verdade" é um impulso moral, que rejeita a vida em sua totalidade ao impor uma perspectiva unívoca e inquestionável sobre a existência. A metafísica tradicional e as convenções linguísticas dominantes têm papel central nessa dinâmica, pois ambas criam estruturas que reafirmam um mundo idealizado, distante da realidade vivida e concreta. A crença em uma verdade absoluta é, portanto, uma manifestação de uma "vontade de poder" que limita e subjuga o dinamismo da vida, instaurando uma visão de mundo estática e restritiva, incompatível com a complexidade do ser humano e da natureza.

Nesse contexto, a linguagem emerge como um campo de batalha, onde se disputam significados e se estabelecem relações de poder. Nietzsche mostra que a linguagem não é meramente um meio de comunicação neutro; ela é um mecanismo pelo qual se constrói a dominação e se perpetuam estruturas de poder. A "política da linguagem" nietzschiana denuncia a maneira como a linguagem molda a compreensão

da realidade e reforça uma hierarquia de valores que privilegia certos discursos em detrimento de outros. Assim, as palavras e os conceitos tornam-se instrumentos de poder que condicionam as experiências e a percepção do mundo, muitas vezes excluindo a multiplicidade e impondo uma visão singular e autoritária.

A proposta de Nietzsche desafia o próprio fundamento da racionalidade ocidental ao sugerir que a verdade é uma "soma de metáforas desgastadas", expressando relações humanas, mas distantes de qualquer essência objetiva. Em lugar de uma verdade absoluta, o filósofo propõe uma abordagem artística e estética, onde a interpretação e a criação se sobrepõem à rigidez dogmática da verdade única. Nesse sentido, ele aponta para a necessidade de uma transformação cultural, onde a linguagem possa ser um meio de expressão da vida em suas múltiplas facetas, e não uma ferramenta de repressão e controle.

Em síntese, a crítica de Nietzsche à "vontade de verdade" e sua visão sobre a "política da linguagem" desafiam as concepções tradicionais de verdade e de linguagem, promovendo uma filosofia que valoriza a diversidade e a criação. Ele propõe que a linguagem seja libertada de seu papel normativo e dogmático, tornando-se um espaço de potencialidade criativa, capaz de celebrar o caráter caótico e fluido da vida. Essa visão desafia os alicerces da moralidade e da ciência ao colocar em primeiro plano a vida como ela é — complexa, imperfeita e em constante transformação —, resgatando, assim, a autonomia e o poder criativo do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BENVENHO, Célia Machado. A concepção retórica de linguagem em Nietzsche. In: Araldi, Clademir Luis (Org.) et al. **Nietzsche**, p.75-82. São Paulo: ANPOF, 2019.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. **Símbolo e Alegoria: A gênese da concepção de linguagem em Nietzsche**. 2003. 263 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003.

COSTA, José Carlos S. R. Projeto de naturalidade moral em Nietzsche**. Revista Pandora Brasil,** São Paulo, v. X, n. 6, p. 45 – 58, agosto de 2022. Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/a_escrita_107/Nietzsche_Carlos.pdf. Acesso em: 12 de maio. 2024.

HAASE, Ullrich. **Nietzsche**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche e o problema da linguagem**: a crítica enquanto criação. In: LIMA, Márcio José Silveira; ITAPARICA, André Luís Mota (Orgs.). **Verdade e Linguagem em Nietzsche**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 15-41.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do Bem e do Mal**. Curitiba: Hemus, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Sobre verdade e mentira**. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Genealogia da Moral**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Grandes obras de Nietzsche** [recurso eletrônico]: Assim falava Zaratustra; O Anticristo; Ecce Homo. Tradução de José Mendes de Souza, David Jardim Júnior, Lorival de Queiroz Henkel. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SOUZA DE OLIVEIRA, M. A crítica nietzschiana à vontade de verdade. **Argumento**, [S. l.], n. 14, p. 47–56, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/argum/article/view/29810. Acesso em: 2 abr. 2024.